



FILOSOFIA E LITERATURA EM MICHEL FOUCAULT

Solange Alves Pereira

Universidade Estadual do Paraná

O objetivo deste trabalho é pensar as possibilidades entre Filosofia e Literatura, seus encontros e desencontros. O autor aqui privilegiado para tal discussão é Michel Foucault. Buscaremos pontuar como a Literatura teve um espaço privilegiado e fundamental no pensamento deste autor em suas produções na década de sessenta, como Foucault relaciona a Literatura com a morte e com a loucura e seu interesse pela força transgressiva da escrita literária.

Sem dúvida, Michel Foucault, é uma forte referência para os diálogos contemporâneos, seu pensamento ultrapassou os limites estabelecidos da linguagem e da escrita filosófica de seu tempo, expandindo e prolongando as possibilidades do pensar, na medida em que sempre encontramos em seus escritos um espaço aberto, em criação, lançando-nos em descaminhos, que ignoram a linha reta, pensamento este, que só um filósofo desprendido em muitos sentidos, um filósofo marginal, pode nos proporcionar. Diz Foucault (2005, p. 20): “não me pergunte quem sou e não me diga para permanecer o mesmo”.

Muito embora, o maior destaque para as obras foucaultianas esteja na área da epistemologia, da ética e da política, a literatura em seu sentido moderno, também desempenhou um importante papel em suas obras em decorrência dos problemas apontados pelo autor na episteme moderna em sua relação com a linguagem. A literatura é pensada por Foucault como uma alternativa aos saberes modernos, estando inteiramente voltada sobre si mesma, em seu ser. Daí por que, a literatura é considerada por Foucault, “um voltar-se para si da linguagem”, um pensamento falante, não mais pensando em aspectos da linguística, mas no espaço da literatura.

O trato de Foucault com a Literatura, não se dá como “historiografia literária”, ou ainda como um estudo sistemático, ou histórico-filosófico, mas como “experiência” num realizar-se



pelas palavras. Foucault encontra na literatura um espaço de maior liberdade para as exposições de suas ideias filosóficas e afirmação do eu em si.

Em sua obra *As Palavras e as Coisas* (1966), Foucault já enxerga na literatura uma linguagem singular no meio das ciências humanas e dos saberes modernos, portanto, não a literatura entendida em termos gerais, mas em seu sentido moderno. A Literatura entendida como um saber específico na criação dos saberes modernos, como linguagem pensada em um espaço literário, linguagem que para Foucault, não se converte em discurso, ela escapa de uma relação fechada de significante e significado, ou do seu funcionamento como representação. É na modernidade, que percebemos que a linguagem não é apenas a representação do mundo em seu espelho, mas ela é expressão, é evocação, inevitavelmente, crítica. Na mesma obra em que Foucault é acusado de ter “matado o homem”, ele encontra na Literatura o restabelecimento da linguagem em seu ser, pensada no âmago do espaço literário.

Era imprescindível que esse novo modo de ser da literatura fosse desvelado em obras como as de Artaud ou Roussel - e por homens que como eles; em Artaud, a linguagem, recusada como discurso e retomada na violência plástica do choque, e remetida ao grito, ao corpo torturado, à materialidade do pensamento, à carne; em Roussel, a linguagem, pulverizada por um acaso sistematicamente manejado, conta indefinidamente a repetição da morte e o enigma das origens desdobradas. (FOUCAULT, 2007, p.533)

Foucault ao tratar sobre o limite do pensamento, buscou relacionar a Literatura com a loucura e com a morte, onde para tal, comparativamente, se ocupa do pensamento de alguns intelectuais franceses modernos, que como Blanchot, introduziram na França o “modo Nietzsche” de pensar, não necessariamente a sua filosofia, mas a crítica ao niilismo ocidental. Segundo Roberto Machado (2005), grande parte do interesse de Foucault por Nietzsche, é decorrente de seu interesse pela Literatura.

Como se a linguagem, quando utilizada literariamente, livrasse, com seu poder de resistência, de contestação ou de transgressão, o pensamento do sono dogmático e do sonho antropológico a que ele esteve ou continua submetido na reflexão filosófica. (MACHADO, 2005, p.11)



Em *A Loucura, a Ausência da obra* (1964) e *A Loucura e a Sociedade* (1970), podemos demarcar, ainda que sucintamente, uma possível relação entre a loucura e a literatura. Tanto a literatura, quanto a loucura não se vêem presas a regras da linguagem cotidiana. A liberdade que se impõe à literatura não é dela uma representação, é ela sua própria essência, materializada em uma condição, condição sem limite, pois se constrói como começo e permanece começo por todo o sempre. A liberdade não advém da literatura, ela a cria, pois mais importante que a forma, estilo ou escola é sua natureza indomável de liberdade, aquilo que fulgura de mais significativo, uma *mutatis mutantis*, que permanece só o que pode ser livre, o que pode ser rompido, superado, pois para que o novo nasça o velho já deve ter partido e é nesse conflito que a liberdade se equivale, não é criatura, nem criador, apenas é transcendente. A literatura é transgressiva, foge às amarras do discurso, é anárquica, daí seu parentesco com a loucura. Muito embora a linguagem transgressiva da loucura seja excluída da sociedade, a linguagem literária se encontra no interior da mesma.

A filosofia, vista como discurso racional, também demonstra a preocupação com o medo em relação à loucura. Foucault lembra que, no início de suas *Meditações Metafísicas*, Descartes descreve claramente isso: “talvez eu esteja sonhando, talvez meus sentidos me traiam, mas há uma coisa que, tenho certeza, não pode me acontecer, é que eu naufrague na loucura” (DESCARTES, 1983, p.15). Por outro lado, na contemporaneidade temos Nietzsche falando “finalmente talvez eu seja louco”.

Diz Foucault (2006, p.243): “é normal que os escritores encontrem seu duplo no louco ou em um fantasma. Por trás de todo escritor esconde-se a sombra do louco que o sustenta, o domina e o recobre”. Talvez, este duplo do autor seja realmente a sua escrita enlouquecida, a literatura como escrita desassossegada. O louco pode servir de modelo ao escritor, pois é genuinamente uma figura transgressiva. O filósofo, o artista, podem chegar a um ser de quase loucura, é a linguagem numa implicação entre a obra e a loucura, subvertendo as leis da razão.

A transgressão e a passagem para além da morte representam duas grandes categorias da literatura contemporânea, segundo Foucault. “Nesta forma de linguagem que existe desde



o século XIX, só há dois sujeitos reais, dois sujeitos falantes: Édipo para a transgressão, Orfeu para a morte” (FOUCAULT, in MACHADO, 2005, p.146).

Sófocles consegue de maneira bastante original acolher e expressar o pensamento e a vida, exprimindo pensamentos tão complexos e abstratos como numa obra filosófica, porém, a diferença é que o escritor não possui a habitual palavra com pretensões de sentido de verdade. O ser que se revela a cada momento vivenciado por Édipo é sempre anterior à revelação. Quando ao cumprir seu destino trágico, Édipo fura os seus olhos, age como se o mundo, o mundo da verdade, não devesse continuar. O nascimento do homem é também o anúncio de sua morte.

Para Machado (2005, p.45), “A literatura em Foucault está para a loucura, assim como a tragédia, em Nietzsche, está para o culto ao dionisíaco.” Esta analogia, segundo o próprio autor, cria uma terceira característica na relação entre literatura e loucura além da oposição obra e ausência da obra e a oposição entre as duas, por serem formas de linguagem, trata-se da loucura entendida como verdade da obra e a loucura enquanto experiência trágica é a verdade da obra.

Em *A Linguagem ao Infinito*, (1963), Foucault pontua uma relação entre a linguagem e a morte, o que o autor chamou de ontologia da literatura, uma análise que tem como objetivo o realizar-se da linguagem, algo a completar-se, observado em Foucault como repetição, um jogo de espelhos sem limites, onde encontramos um princípio de descontinuidade, de um espaço infinito. O homem e a linguagem estão ligados por uma incompatibilidade, conforme aponta Foucault (1968, p.350), “[...] nunca na cultura ocidental o ser do homem e o ser da linguagem puderam coexistir e se articular um com o outro. Sua incompatibilidade foi uma das características fundamentais de nosso pensamento”.

“Escrever para não morrer” ou mesmo “falar para não morrer”, para usar as palavras de Blanchot por Foucault, aparecem como preocupação da linguagem, motivo para comunicação, espaço para o “pensar”. “É somente depois de terem inventado a linguagem escrita que a linguagem aspira uma continuidade, mas é também porque ela não queria morrer...” (FOUCAULT, 2009, p.48). Somente com a escrita, a linguagem pode aspirar uma



continuidade, as palavras e a narrativa encontram um equivalente definitivo que não reproduz o momento, mas eterniza uma ontologia da linguagem, uma compreensão daquilo que está para além dela.

Neste sentido, a morte é, sem dúvida, o mais essencial dos acidentes da linguagem (seu limite e centro): no dia em que se falou para a morte e contra ela, para dominá-la e detê-la, alguma coisa nasceu, murmúrio que se retoma, se conta e se reduplica ininterruptamente, conforme uma multiplicação e um espessamento fantástico em que se aloja e se esconde nossa linguagem de hoje. (FOUCAULT, 2009, p.479)

A linguagem parte das formas para o infinito das possibilidades, mais amplas e livres do que aquelas que emergem da escrita, não buscamos, opor escrita e linguagem, mas pensarmos as diferenças nos níveis de abstração e subjetividade que se encontram na literatura. Portanto, pela “experiência de pensamento” que a literatura pode conferir à sociedade, é que nos propusemos a pensar a sua relação com a filosofia. Acreditamos que a liberdade e autonomia que o pensamento filosófico defende, está muito próxima da liberdade e desprendimento que o campo literário construiu. Talvez, o pensar filosófico ainda se apresente preso à sua episteme originária, quem sabe, aguardando o momento de se libertar, entretanto o que buscamos pontuar é como a Literatura teve um espaço privilegiado e fundamental no pensamento de Michel Foucault.

Referências

FOUCAULT, M. As Palavras e as Coisas. 9ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. (Coleção Tópicos).

_____. A linguagem ao Infinito. In: Michel Foucault: Ditos e Escritos III. Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema. Org.: Manoel Barros da Motta. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.



_____. A Loucura, a Ausência da Obra. In: Michel Foucault: Ditos e Escritos I. Problematização do Sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise. Org.: Manoel Barros da Motta. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

_____. Loucura, Literatura, Sociedade. In: Michel Foucault: Ditos e Escritos I. Problematização do Sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise. Org.: Manoel Barros da Motta. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

MACHADO, R. FOUCAULT: A Filosofia e Literatura. 3ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.